

DESENVOLVIMENTO DO EMPREENDEDORISMO NO BAIRRO VILA SINHÁ - BRAGANÇA/PARÁ: UM ESTUDO À LUZ DA ECOLOGIA ORGANIZACIONAL

DEVELOPMENT OF ENTREPRENEURSHIP
IN THE VILA SINHÁ - BRAGANÇA/PARÁ NEIGHBORHOOD:
A STUDY IN THE LIGHT OF ORGANIZATIONAL ECOLOGY

ARLESON EDUARDO MONTE PALMA LOPES
arlesonlopes93@gmail.com

HELDER DA SILVA ARANHA
aranha@yahoo.com.br

RESUMO

Demonstrar os fatores que influenciam no surgimento da ecologia organizacional no bairro da Vila Sinhá - Bragança/PA é o objetivo desta pesquisa. A revisão teórica do trabalho baseou-se na literatura acerca das Teorias Ambientais como influência no processo empreendedor e dos fatores que a determinam. Em termos metodológicos, a abordagem utilizada nesta pesquisa foi do tipo qualitativa. Quanto à técnica de coleta de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada, respondidos pelos proprietários dos estabelecimentos. O corpus empírico do estudo foi integrado por vinte proprietários de empresas comerciais instalados no bairro. Na fase de análise de dados, foram utilizadas as técnicas de análise de conteúdo. Ficou evidenciado, como resultado, que os aspectos de nichos ecológicos surgem como fatores mais perceptíveis que os fatores de cultura empreendedorística quando se trata na formação da ecologia organizacional.

Palavras-chave: Ecologia Organizacional. Empreendedorismo. Fatores Ambientais.

ABSTRACT

To demonstrate the factors influencing the emergence of organizational ecology in the neighborhood of Vila Sinhá - Bragança / PA is the objective of this research. The theoretical review of the work was based on the literature on Environmental Theories as an influence on the entrepreneurial process and the factors that determine it. In methodological terms, the approach used in this research was qualitative. As for the technique of data collection, the semi-structured interview was used, answered by the owners of the establishments. The empirical corpus of the study was composed of twenty owners of commercial companies installed in the neighborhood. In the data analysis phase, the techniques of content analysis were used. It was evidenced, as a result, that aspects

of ecological niches appear as more noticeable factors than the factors of entrepreneurial culture when it comes to the formation of organizational ecology.

Keywords: *Organizational Ecology. Entrepreneurship. Environmental Factors.*

1 INTRODUÇÃO

O surgimento do novo paradigma tecnológico, a partir de meados do século XX, tem modificado a configuração econômica, cultural, social, política e comportamental da sociedade contemporânea; influenciando desse modo na distribuição espacial das atividades econômicas, tanto global, como local (BARQUETTE, 2000).

Nesse contexto, dada à pujança do empreendedorismo, certas localidades possuem fatores favoráveis ao surgimento de novas empresas agregadas à inovação, contribuindo para sua criação e desenvolvimento. Nos últimos anos, notam-se grandes esforços de governo, universidades e instituições de fomento locais de diferentes países, na busca de estimular a criação de uma cadeia de valor de empresas inovadoras, principalmente em pequenas e médias, criadas a partir do espírito empreendedor dos agentes (BARQUETTE, 2000).

Nesse sentido, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) ressalta que as pequenas e médias empresas, são geradoras de empregos e desenvolvimento econômico, representando origens de inovação e empreendedorismo, parafraseando Prahalad (2010), corrobora que até pouco tempo, não era dada a devida atenção para o setor privado no combate da diminuição da pobreza. Contudo, essa conjuntura foi se alterando com o passar dos anos e diversos órgãos de desenvolvimento tem compreendido o papel do empreendedorismo para o desenvolvimento da economia.

Para Matos e Arroio (2011) o Brasil tem adotado estratégias similares de outros países, buscando estimular um ambiente propício para empreendedorismo, visto que, as micros e pequenas empresas (MPEs) são responsáveis por contribuírem para o desenvolvimento socioeconômico, exercendo um papel crucial na mitigação dos efeitos causados pela crise econômica, bem como a diminuição das desigualdades regionais, incluído no mercado segmentos marginalizados.

Evidentemente, que para sustentar a pujança do empreendedorismo, alguns fatores são cruciais para os empreendedores de sucesso. Para Dornelas (2000) os fatores de sucesso que sustentam o desenvolvimento do empreendedorismo estão voltados à expertise local em gestão de negócios; os programas de metas e procedimentos claros e concisos; interação com centros de pesquisas; acesso a capital; assessoria financeira; apoio da comunidade; rede estabelecida de empreendedorismo; processo de seleção dos empreendedores e percepção do sucesso.

Concomitantemente, Melhado e Gonçalves (2013) destaca que para o desenvolvimento do empreendedorismo alguns fatores são determinantes: ambiente regulatório, capital humano, acesso à pesquisa e desenvolvimento (P&D) e tecnologia, disponibilidade de capital, cultura empreendedora e mercado. Já Resende, Sousa e Silva (2012) em seus estudos, constataram que os empreendedores no Brasil, consideram alguns fatores na escolha do local para empreender, merecendo destaque: 90,2 % dos empreendedores afirmam que a conectividade é cru-

cial na escolha; 82,1% consideram a disponibilidade e acesso a energia elétrica; 79,1% mão de obra especializada; 78,4% dos empreendedores enfatizam as condições da via de acesso ao ambiente; 53,5% proximidade de acesso à tecnologia de máquinas e equipamentos importados.

Similarmente, a Global Entrepreneurship Monitor (GEM), constatou em seus estudos os fatores limitantes ou favoráveis na Região Norte para desencadear o empreendedorismo no ano de 2014. Como fatores limitantes a região apresenta: 72% estão acoplados na Educação e Capacitação; 66,7% as Políticas Governamentais; 55,6% o Apoio Financeiro e 11% estão relacionados à Capacidade Empreendedora, Normas Culturais e Sociais, Corrupção e Custos do Trabalho. Em relação aos fatores de níveis nacionais, esses resultados são bastante semelhantes. Contudo, no que se refere aos fatores favoráveis ao empreendedorismo destacam-se: 39% estão relacionados aos Programas Governamentais existentes e a Capacidade Empreendedora. Em nível nacional esse fator representa 44%. Cabe ainda destacar que 22,2% estão incumbidos a Pesquisa e Desenvolvimento, tanto em nível regional, quanto nacional.

Adicionalmente, em estudos realizados pelo Instituto Empreender (ENDEAVOR) em 2014, constatou que a cidade de Belém capital do Estado do Pará, apresenta três fatores determinantes para fomento do empreendedorismo: ambiente regulatório, cultura empreendedora e um forte ambiente propício à inovação. Apesar da Capital Paraense se destacar nesses fatores entre as 14 capitais estudadas no Brasil, ainda existem grandes desafios a serem enfrentados pelos empreendedores, pois o Estado apresenta os índices mais baixos nos fatores: mercado, infraestrutura, capital humano e acesso a financiamento.

Diante do exposto, a pesquisa parte da seguinte problemática: até que ponto os fatores de nichos ecológicos e cultura empreendedora são favoráveis ao surgimento da Ecologia Organizacional no bairro da Vila Sinhá? Tendo como objetivo geral, demonstrar os fatores que influenciam no surgimento da ecologia organizacional no bairro da Vila Sinhá. Desdobrado nos seguintes objetivos específicos: (i) identificar o perfil dos empreendedores instalados no bairro; (ii) levantar os fatores de nichos ecológicos que influenciam a ecologia organizacional na visão dos empreendedores da Vila Sinhá; (iii) relacionar os fatores que influenciam culturalmente à ecologia organizacional na visão dos empreendedores locais.

Além da introdução sobre a temática; a problemática de pesquisa; o objetivo geral e específicos da pesquisa, o artigo está estruturado em mais quatro capítulos. O segundo capítulo faz uma revisão e discussão da literatura dividida em: Empreendedorismo, Teoria da Localização dos Negócios e Ecologia Organizacional. O terceiro capítulo aborda a metodologia utilizada para atender os objetivos desse estudo, destacando: Tipologia da Pesquisa; Universo e Amostra; Seleção dos Sujeitos; Coleta de Dados e Apuração dos Dados. O quarto capítulo apresenta a análise e discussão dos resultados obtidos. Finalmente, o quinto capítulo Considerações Finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Empreendedorismo

A essência do empreendedorismo está relacionada à percepção e aproveitamento de novas oportunidades no recinto dos negócios. Evidentemente, ligado às novas formas de uso dos recursos, em que tal recurso é deslocado de sua estrutura tradicional, para novas combinações (Filion, 1999). Portanto, o empreendedorismo compreende como empreendedor todo agente que compra matéria-prima, com o intuito de processar e transformar em produtos ou serviços, para revender a um preço maior. Com isso, obtém-se a imagem do empreendedor como alguém que assume risco, aproveitando as oportunidades com o objetivo de alcançar lucros e, ainda colocando-o como o principal propulsor de mudanças e desenvolvimento econômico (ORTIGARA, 2008). Para Solomon (1989) o empreendedorismo tem contribuído fortemente para o desenvolvimento econômico mundial. O autor ainda enfatiza que o empreendedorismo tem preenchido um leque de oportunidades no mercado com inovação criativa, gerando emprego, renda e desenvolvimento para os países.

Pelgio (2011) considera como empreendedorismo o fenômeno de geração de empreendimentos, alicerçado tanto na criação de novas empresas, quanto na expansão de alguma já estabelecida, a exemplo do desenvolvimento de uma unidade de negócio nas grandes corporações. Drucker (1986) defende alguns aspectos sobre empreendedorismo, bem como sua importância para sociedade, conforme exposto: (1) o empreendedorismo colabora para que os empreendedores alcancem seus objetivos; (2) instrumento fundamental para sociedade e economia; (3) coopera para diminuição da desigualdade através da geração de empregos e renda.

Diante do exposto, a sociedade precisa desenvolver uma cultura empreendedorística, da qual o empreendedorismo é fundamental, Drucker (1986, p. 349) diz que "a inovação e espírito empreendedor são, portanto, necessários na sociedade tanto na economia; na instituição de serviço público tanto quanto em empresas privadas". Segundo Negroponte (2003) uma sociedade que estimula a criação de uma cultura empreendedora é decisiva para surgimento de novas ideias, da qual a inovação é o principal condutor para criação de novos negócios. Assim, a heterogeneidade de uma cultura poderá ser pujante na geração de ideias empreendedoras, da qual os empreendedores veem as coisas de diferentes pontos de vista.

Portanto, uma figura importante para o empreendedorismo é a pessoa do empreendedor, que segundo Dornelas (2001) considera como aquele que detecta novas oportunidades e cria novos empreendimentos, visando capitalização sobre ele, porém, assumindo riscos previamente calculados.

Nessa conjuntura, o empreendedor é aquele que oferece para sociedade novos produtos-serviços, sobretudo através de inovações tecnológicas – processos, na perspectiva de obter lucros. Seu papel é crucial nas novas combinações, inserindo novos mecanismos no sistema produtivo (Sicsú, 2015). Os empreendedores correm riscos, mas calculam os custos de prosseguir com a ideia em frente, levando em consideração os possíveis ganhos caso tenham sucesso com o novo empreendimento, em essência isso pode significar superar os envolvidos no ramo (BESSANT; TIDD, 2009). Segundo Solomon (1989) o empreendedor procura, de forma geral,

oportunidades em setores do mercado onde encontra menos entrave para implementar sua ideia e do qual já tem algum conhecimento, ao contrário de buscar sistematicamente oportunidades onde visa somente o lucro.

Segundo Fillion (2000) os empreendedores tem a habilidade de identificar nicho de oportunidades ou algum lugar a ser ocupado no mercado e saber qual o tipo de estrutura organizacional será adequado para tornar isso realidade. Para o autor, as principais atividades dos empreendedores estão relacionadas (1) conhecer e entender a dinâmica dos mercados; (2) saber identificar as oportunidades de negócios; (3) selecionar os objetivos importantes; (4) projetar e estruturar as organizações com a finalidade de implementá-las e (5) tem a desenvoltura de trabalhar em rede.

Nesse contexto, o processo empreendedor muitas das vezes surge de questões ambíguas e compreender quais os fatores que impulsionam o indivíduo a criar um novo negócio é crucial para elaboração de políticas públicas que valorize o processo empreendedor. Assim, conceitos sobre empreendedorismo por oportunidade e empreendedorismo por necessidade, são tratados como fatores excludentes, no qual compreender o tipo de negócio que visa à exploração de uma oportunidade percebida no ambiente ou aquele por necessidade é crucial (PELOGIO, 2011).

O processo empreendedor também se concentra em um ambiente inovador, onde a convergência de alguns fatores é pujante para empreendedorismo com inovação. Dertouzos (1999) identifica quatro atributos que são cruciais para um ambiente que propicie a inovação (1) investimento de capital; (2) infraestrutura de base altamente tecnológica; (3) indivíduos com ideias criativas e (4) uma cultura empreendedorística voltada para paixão pelo negócio. O autor ainda destaca que, dificilmente haverá uma convergência desses atributos em um único ambiente, quando essa convergência ocorre surge então um negócio de sucesso.

Similarmente, Christensen (2002) defende a ideia que o empreendedorismo inovador é constituído de quatro variáveis que se entrelaçam ao longo do processo empreendedor, essas variáveis são: (1) enraizar em quebra de paradigma; (2) motivação necessária para alcançar o sucesso; (4) o aproveitamento eficiente dos recursos e (4) interromper concorrentes e focar nos clientes.

Porém, para que o processo empreendedor possa ser efetivo, determinados fatores locais precisam estar presentes no ambiente para estimular o processo empreendedor. Assim, dada a relevância dos fatores locais ao empreendedorismo, cabe então, delinear a teoria da localização dos negócios.

2.2 Teoria da Localização dos Negócios

A escolha de localização de um negócio está acoplada a Teoria da Localização, cuja premissa discorre sobre os principais fatores que estimulam ou atraem os empreendimentos em alocar investimento em uma região em detrimento das demais (PARAVIDINO et al., 2011). Para Barquette (2002) as teorias de localização concentram-se, primordialmente, na interpretação das decisões dos empreendedores, em economia de mercado, sobre qual o melhor ambiente deve empreender. O estudo sobre localização surge no século XIX, podendo ser atribuída a três

autores alemães – Launhart, Johann H.; Von Thünen e Alfred Weber. Desde então essa teoria tem ganhado diversos seguidores.

Toledo e Guimarães (2008) ressaltam que é um equívoco supor que a localização dos empreendimentos não seja estratégica, visto que, com o alargamento das modernas tecnologias de transportes e comunicação, com redução de barreiras artificiais de caráter regulatória entre os países. Contudo, para os autores diversos fatores influenciam, no grau de disponibilidade, de uma localidade para outra, bem como, a vantagem competitiva dinâmica. Segundo Porter (1989) a escolha da localização afeta diretamente as necessidades dos compradores e os custos para atendê-los. Ela é crucial para conduzir os custos e ainda estar ligada na cadeia de valor necessária para atingir o público final. Para o autor, a relevância da localização varia de uma região para outra, e que na maioria das vezes isso dependerá onde de fato o produto é consumido ou usado.

Segundo Barquette (2002) a teoria da localização é composta de duas vertentes: abordagem clássica e contemporânea. A abordagem clássica busca compreender os fatores de localização dos negócios em atividades sociais e econômicas e sua distribuição em pontos do espaço geográfico. Contudo, a abordagem contemporânea da localização incluem em seu escopo de estudo elementos de tempo e espaço, bem como, a imperfeição da concorrência. Para tanto, Azzoni (1981) destaca que diversos fatores podem influenciar na escolha da instalação das empresas, visto que, esses fatores são cruciais para os empreendimentos poderem competir no mercado.

Para Barbieri (1995) os polos industriais vinculam-se a ideia de atração de uma região-cidade-bairros, que apresentem fatores favoráveis locais para o desenvolvimento de determinado tipos de empreendimentos. Para o autor, a abordagem clássica da teoria da localização, apresenta em via de regras, fatores locais clássicos: proximidade dos mercados consumidores; acesso aos fornecedores; mão de obra; infraestrutura etc.

Solomon (1989) destaca que uma das características das pequenas empresas é sua proximidade com o mercado consumidor, isso traz vantagens significativas para as pequenas empresas em relação aos seus concorrentes de maiores portes. Portanto, essa proximidade com o mercado consumidor em que a pequena empresa atua, faz com que os empreendedores percebam rapidamente as variações que por ventura vierem ocorrer no mercado.

Evidentemente, que a Teoria Clássica Locacional apresenta restrições, mas ainda possuem grande relevância para explicar os benefícios e desvantagens das regiões para atrair empreendimentos, provendo base no processo de identificação das tendências dos agrupamentos ou dispersões das atividades econômicas (BARQUETTE, 2002).

A Abordagem Contemporânea ou também denominada de Teoria da Dinâmica Locacional, cujo principal autor é Manuel Castells, surge a partir do final da década de 60. A nova abordagem trouxe consigo outros fatores não considerados pela Teoria Clássica, inovando sua perspectiva de análise social do ordenamento dos espaços, reconhecendo à interdependência entre as organizações, atribuída nesse sentido, extrema importância para aglomerações de econômicas e integração em rede das empresas (TOLEDO; GUIMARÃES, 2008).

Barquette (2002) aponta os novos fatores que são considerados níveis de análise na Teoria Contemporânea são: incentivos fiscais e governamentais, mercados globais, criação de polos

industriais, proximidade de centros de ensino e pesquisa, acesso a capital, cultura empreendedora, integração em rede, motivações pessoais dos empreendedores, entre outros fatores.

Segundo Paravidino et al. (2011) dada a mudança na estrutura competitiva, alguns aspectos são cruciais para crescimento, inovação e produtividade de uma localidade: as condições fatoriais do ambiente (insumos); a conjuntura estratégica e rivalidade entre os competidores; as demandas que surgem no ambiente e as alianças estratégicas entre as empresas. Para os autores, esses fatores se constituem de extrema importância e buscam explicar porque os empreendimentos localizados nesses ambientes são capazes de inovar e aperfeiçoar constantemente suas estratégias competitivas.

Apesar do ambiente oferece um conjunto de fatores locacionais para as empresas, cabe a ele, selecionar as quais estão mais aderentes as demandas que surgem ao longo do tempo. Abordagem discutida pela Ecologia Organizacional.

2.3 Ecologia Organizacional

A ecologia organizacional ou ecologia populacional das organizações estuda os fenômenos relacionados às populações de organizações, tendo como objetivo principal explicar as condições políticas, econômicas e sociais que afetam grande número de organizações (HOLZMANN, 2008). Os ecologistas organizacionais conceituam população organizacional, como um aglomerado de organizações com atividades e padrões semelhantes na utilização de recurso (HANNAN; FREEMAN, 2005).

Já Morgan (2002) destaca que a ecologia organizacional coloca em evidência a teoria de evolução de Darwin, tendo como ponto central à análise da população organizacional. O autor ainda argumenta que a priori para sobreviver, as organizações precisam de recursos, que por sua vez é escasso no ambiente do qual a principio acaba por selecionar as empresas mais adaptadas, explicando dessa forma o sucesso ou fracasso das organizações quando são consideradas sobre a perspectiva da ecologia organizacional.

Motta e Vasconcelos (2015) destacam que a ecologia organizacional não busca estudar a organização de modo individual, ao contrário seu principal foco de análise é um conjunto de organizações semelhantes, constituindo assim um tipo de população. Diante do exposto, a ecologia organizacional procura compreender o fenômeno do ciclo evolucionário das organizações, ou seja, quais os fatores favoráveis que levam um conjunto de populações organizacionais de um mesmo tipo, predominarem em determinado ambiente e, mais tarde, a desaparecerem. Para os autores, os estudos que adotam a teoria organizacional como base de análise buscam constatar quais os fatores ambientais do business que selecionam as estruturas, tamanho, formas e as competências das instituições nesse setor.

Nessa conjuntura, o ambiente é considerado como o fator decisivo para as organizações, visto que, cabe a ele selecionar qual a empresa que alcançou o melhor desempenho e quais terão sua performance monitorada (SILVA; HEBER, 2014). Segundo Martins e Bataglia (2010) corroboram que para ecologia organizacional, é o ambiente quem determina as estruturas das empresas. Contudo, os autores ainda enfatizam que algumas das formas organizacionais fracassam em determinada circunstancia ambiental, pelo fato, de outras formas organizacionais bem sucedidas competirem com elas, por recursos para sua sobrevivência.

Caldas e Cunha (2005) ressaltam que embora o processo de mudança seja possível em nível das organizações, esse fenômeno precisa ser analisado em termo de populações organizacionais. Os autores ainda destacam que, em vez da adaptação ocorrer sobre os mecanismos individuais das empresas na perspectiva dos gestores, a mudança sucederá diretamente em populações de organizações. Já Fernandes (2015) destaca que a cooperação entre as empresas pertencente a população pode ser um fator de sobrevivência organizacional para algumas organizações e desvantagem competitivas para outras.

Desse modo, Souza (2011) salienta que o principal objetivo da ecologia organizacional é compreender os limites dos estudos sobre o ambiente externo das empresas e alargar suas fronteiras, tendo como ideia central estudar o ambiente empresarial partindo do pressuposto acerca do que as empresas devem realizar para sobreviver em seu ambiente. Já Cunha (1999) corrobora que a ecologia organizacional tem como foco principal estudar nível de análise até então ignorado pela teoria das organizações, isto é, as empresas passam a serem vista na perspectiva de populações organizacionais.

Portanto, a teoria da ecologia organizacional tem como ponto central a seleção natural da ecologia biológica, procurando explicar as mudanças organizacionais, analisada a partir da seleção da natureza e a distribuição dos recursos disponíveis para as organizações (ANDRADE; AMBONI, 2011). Segundo Astley e Van de Ven (2005) a ecologia organizacional tem como premissa a estruturação dos recursos no ambiente em forma de nicho, cuja sua existência e distribuição estão relativamente intrincadas pela sociedade, não cabendo às organizações individuais manipulações. Os autores ainda enfatizam que devido a essa visão extremamente determinista da ecologia organizacional, os limites são determinados pelo nível de disponibilidade da escolha estratégica autônoma.

Palmaka (2011) salienta que a ecologia organizacional parte da premissa da biologia para identificar e utilizar unidades de análise, todavia, diferentemente da biologia, em que o modelo é combinado por três unidades (indivíduo, população e comunidade), na ecologia organizacional o modelo é combinado de cinco unidades: membros, subunidades, organizações individuais, populações de organizações e comunidade.

Entretanto, três observações se fazem necessárias à ecologia organizacional. A primeira está relacionada à grande diversidade como um atributo dos conjuntos de organizações. A segunda característica a ser observada indica a imensa dificuldade que as organizações têm em realizar mudanças de modo eficiente para atender a demanda de ambientes mutáveis e a terceira está vinculada à instabilidade de comunidade organizacional (HOLZMANN, 2008).

Nessa conjuntura, os ecologistas organizacionais destacam ainda o modelo básico de mudança organizacional como: variação, seleção, retenção e competição. Esses estágios buscam explicar como as estruturas organizacionais são instituídas, sobrevivência ou falência, e expandir-se por toda população organizacional (ANDRADE; AMBONI, 2011).

A variação é um dos processos básicos que sugere mudanças, segundo a ecologia organizacional, ambas são produzidas de forma permanente e constante pelos indivíduos (Holzmann, 2008). Para tanto, Balsini, Silveira e Rambo (2005) corroboram que o processo de seleção natural abrange três estágios distintos: o primeiro processo está voltado às ocorrências de variações por qualquer motivo, de modo, planejado, ou não; o segundo estágio corresponde nos critérios de seleção de algumas variações em relação a outras diferentes ou até mesmo eliminar certas

variações seletivamente; o terceiro processo envolve a retenção das variações no ambiente que foram selecionadas, a retenção acontece quando certas variações são preservadas, duplicadas ou até mesmo reproduzidas.

Os ecologistas organizacionais defendem a premissa de que as organizações são relativamente inflexíveis, ou seja, suas características organizacionais tendem a mudar de forma mais lenta o que acaba por ocorrer à formação de novas empresas. A inflexibilidade das organizações é denominada de inércia estrutural (HOLZMANN, 2008). Segundo Hannan e Freeman (2005) inércia estrutural é compreendida como as limitações na desenvoltura de adaptação das organizações em um ambiente de mudanças rápidas. Os autores ainda enfatizam que quanto maior se constituir as pressões, mais baixa é a flexibilidade das organizações, gerando assim uma provável dialética de seleção ambiental apropriada.

Adicionalmente, Motta e Vasconcelos (2015) corroboram que para os ecologistas existem nas organizações uma inércia estrutural, onde apesar dos gestores tentarem ações que visem mudança na estrutura organizacional, porém, isso concorre com lentidão. Contudo, as organizações que preservarem suas formas organizacionais poderão ter mais chances de serem selecionadas, pelo fato de terem sido institucionalizadas e pela confiabilidade dos produtos-serviços ofertados no mercado. Segundo Santos (2013) apesar, das organizações tentarem buscar a adaptação por meio da racionalidade de suas ações, existem restrições, que por sua vez, dificultam a adaptação ao ambiente, constitui assim, uma inércia estrutural.

Morgan (2002) afirma que as pressões inerciais impedem as organizações de darem respostas rápidas a seus ambientes. Essas pressões inerciais incluem: especialização de equipamentos e pessoal; informações inadequadas aos gestores; política interna; história da organização; barreiras fiscais e legais; processo institucional e racionalidade coletiva (HANNAN; FREEMAN, 2005).

Os fatores que criam a inércia estrutural em algumas circunstâncias podem ser uma fonte de vantagem competitiva, em outras essas forças acabam por impedir a seleção. (Holzmann, 2008). Entretanto, Muitas dessas pressões inerciais elucidadas podem estar entrelaçadas dentro da estrutura de adaptação, isto é, podendo modificar e limitar a perspectiva a fim de considerar as escolhas dentro do conjunto de restrições alternativas (HANNAN; FREEMAN, 2005).

Nesse contexto, para Hannan e Freeman (2005) os principais autores da ecologia populacional das organizações conceituam nicho ecológico como a área em que as organizações estão inseridas, no qual as empresas competem por recursos com outras instituições. Segundo Augusto (2007) nichos ecológicos se estrutura em um arranjo de recursos, que a princípio são compartilhados pelas organizações de modo interdependentes, porém, competidoras.

Martins e Bataglia (2010) ressaltam que o conceito de nicho ecológico nos remete ao princípio do isomorfismo, bem como a explicação do crescimento da população organizacional. Hannan e Freeman (2005, p.76) conceituam isomorfismo como “cada unidade experimenta restrições que a forcem a se assemelhar as outras unidades com o mesmo conjunto de restrições”. Similarmente, DiMaggio e Powell (2005) corroboram que isomorfismo se constitui em um processo onde uma população de organizações procuram se assemelhar a outra unidade que enfrentam situações ambientais parecidas.

Nesse sentido, os processos de institucionalização das organizações apresentam mecanismos isomórficos. Segundo Andrade e Amboni (2011) existem dois tipos de isomorfismo: o

competitivo e institucional. Hannan e Freeman (2005) despedem-se sobre o isomorfismo competitivo, pois apesar das organizações estarem agrupadas em populações organizacionais, tais empresas compete por recursos no ambiente.

DiMaggio e Powell (2005) defendem três mecanismos de isomorfismo: isomorfismo coercitivo (ocorre pelas pressões formais ou informais que uma organização exerce sobre outras ou por mecanismos legais do Estado e pelas expectativas culturalmente criadas pela sociedade), isomorfismo mimético (dada a existência de incertezas no ambiente, as organizações são forçadas a imitarem outras instituições. Uma característica predominante do isomorfismo mimético ocorre através da replicação de práticas de gestão, tecnologia e estratégias já testadas e bem-sucedidas em outras organizações similares) e isomorfismo normativo (é decorrente da profissionalização dos membros das organizações, composto por um conjunto de normas e procedimentos limitados de determinadas atividades específicas).

Diante do exposto, para as organizações saírem do isomorfismo e expandirem seu crescimento, a ecologia organizacional destaca a importância de manutenção do nicho ecológico, conforme exposto por Caldas e Cunha (2005), a seguir:

Apoiando-se na ideia de que as organizações competem por recursos escassos à sobrevivência, a teoria ecológica sugere que os limites ao crescimento das populações organizacionais são ditados pela capacidade de manutenção dos nichos ecológicos em que essas populações se inserem (CALDAS; CUNHA, 2005, p. 66).

A teoria do nicho enfatiza a importância das variações estratégicas, em relação ao nível de especialização, e destaca questões fundamentais acerca das diversidades nas organizações, que orientam estudos sobre ecologia organizacional (MARTINS; BATAGLIA, 2010). Já Morgan (2002) salienta que a habilidade das organizações em conseguirem um nicho de recursos e superar a performance de seus concorrentes é crucial e, que a longo prazo, essa ascendência de controlar os recursos podem incidir por populações organizacionais inteiras, explicando assim o sucesso de algumas empresas e o poder de diferentes organizações.

Segundo, Balsini, Silveira e Rambo (2005) o ambiente é composto de diferentes nichos ou combinações de organizações e recursos, em termo de existência e competição. Contudo, os autores defendem a ideia de que os fatores ambientais de determinados nichos, selecionam as organizações que se adaptarem as exigências ambientais.

Desse modo, a distinção entre especialismo e generalismo está voltada ao fato de uma população de organizações prosperarem por elevar ao máximo sua exploração no ambiente e aceitar os riscos de uma dada mudança no ambiente ou por aceitar um nível mais baixo de exploração em troca de maior segurança (HANNAN; FREEMAN, 2005).

Segundo Drucker (1986) nichos ecológicos especializados querem das organizações uma concentração maior de esforços na busca sistemática de oportunidades que exige habilidade especializada. As populações de organizações estabelecidas em nichos especializados, provavelmente não serão ameaçadas pelos concorrentes ou fornecedores. Porém, o risco de uma variação no ambiente poderá extinguir populações inteiras especializadas.

Já Solomon (1989) aponta que as organizações de pequeno porte são mais propícias em nichos especializados e muitas das vezes apresentam desempenho superior nesse tipo de

ambiente. Portanto, o crescimento da população organizacional está diretamente relacionado aos seus nichos de atuação, bem como a disponibilidade de recursos ofertados pelo ambiente.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipologia da Pesquisa

A pesquisa utilizada, quanto à natureza, é caracterizada como descritiva (GIL, 2002). Realizou-se também, um estudo de caso. O método de pesquisa empregado é a pesquisa de campo. Essa pesquisa, ainda, apresenta abordagem qualitativa por requerer o uso das técnicas de análise de conteúdo para interpretar as informações coletadas. Segundo Godoy (1995) a pesquisa qualitativa tem como base central a compreensão do fenômeno no contexto do qual ocorre, devendo ser analisado de forma integrada. Para isso, o pesquisador descoloca-se a campo no intuito de “captar” o fenômeno em estudo, na visão dos sujeitos envolvidas nele, atentando a todos os pontos de vista relevante.

3.2 Universo e Amostra

Quando, a população-alvo desta pesquisa são proprietários de estabelecimentos comerciais de produtos e serviços do município de Bragança-PA devidamente cadastradas no banco de dados da Prefeitura Municipal de Bragança (PMB), para emissão de alvarás de funcionamento expedidos até o ano de 2015, constituindo o universo da pesquisa. A PMB disponibilizou as informações solicitadas dos 15 (quinze) bairros que compõe o referido município de acordo com dados oficiais. Tal iniciativa facilitou no acesso aos proprietários dos estabelecimentos comerciais componentes da amostra, e da escolha do lócus de pesquisa, que é o bairro da Vila Sinhá.

O motivo da escolha do bairro em detrimento ao demais, deu-se pelo fato das informações apresentadas pelos dados fornecidos pela PMB e pelo bairro ter um contingente de 74 empresas registradas, destacando-se assim em relação aos demais. Por tanto, o lócus dessa pesquisa são os empreendimentos instalados no bairro.

Assim, o tipo de amostragem utilizado nessa pesquisa foi amostragem por tipicidade (VERGARA, 2009). Nesse sentido, por ser um estudo de caso, a pesquisa teve como lócus os estabelecimentos comerciais instalados no bairro da Vila Sinhá.

3.3 Seleção dos Sujeitos

Os sujeitos desta pesquisa foram escolhidos através dos seguintes critérios:

- Os proprietários de empreendimentos mais antigos no bairro da Vila Sinhá, considerando os anos de 2003 a 2013;

- Proprietários que mantêm relações entre si. Considerando o conceito de interdependência organizacional, que segundo Motta e Vasconcelos (2015, p. 378) "atender às demandas e necessidades de outras organizações em diferentes ambientes visando obter recursos dessas organizações".

Portanto, foram selecionados 20 proprietários de estabelecimento comerciais do bairro da Vila Sinhá, de acordo com os critérios descritos acima.

3.4 Instrumento de Coleta

O instrumento de coleta de dados da pesquisa foi à entrevista. O instrumento foi semiestruturado, visando atender os objetivos propostos pela pesquisa.

Após as informações fornecidas pela PMB e contatos iniciais com os proprietários escolhidos nessa pesquisa, realizou-se no mês de janeiro o pré-teste do instrumento de coleta para verificar sua adequação e validação. Assim, depois de realizado a fase do pré-teste do instrumento e críticação, foi aplicado à entrevista definitivo no período de fevereiro de 2016, resguardando-se as condições prévias estabelecidas pelos proprietários.

3.5 Apuração dos Dados

Para atender os objetivos propostos nesta pesquisa, foi necessária a estruturação da análise de dados. Após a aplicação da entrevista, foram transcritas às respostas na sua totalidade. Realizada a transcrição, as respostas foram consideradas textos possíveis de compreensão, e analisado seu conteúdo. Dado o caráter de proeminência qualitativa desta pesquisa, foi utilizada como técnica de apuração a análise de conteúdo, que segundo Bardin (2011) conceitua como um:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

Portanto, primeiramente foram realizadas leituras flutuantes, atentando aos textos, analisando sujeito por sujeito. Assim, o processo analítico-interpretativo culminou nas inferências que é o principal objetivo da análise de conteúdo, segundo Bardin (2011, p. 44) "a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)".

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

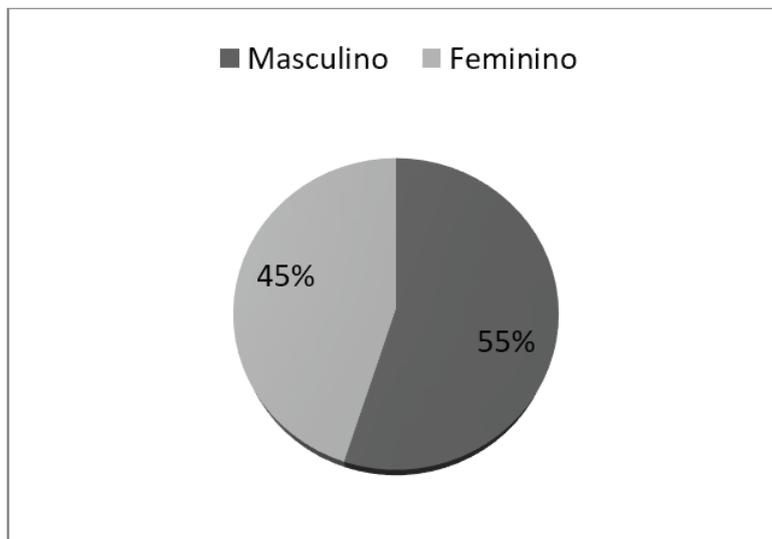
4.1 Descrição do Perfil dos Empreendedores Entrevistados

Quando analisado o quesito gênero, 55% são homens e 45% são mulheres, resultados análogos aos obtidos na pesquisa da Global Entrepreneurship Monitor (2015). Pode-se concluir que os homens e mulheres que empreendem no bairro são ativos na prática empreendedora, porém a predominância ainda são sujeitos do sexo masculino. Quanto á faixa etária, a maioria (35%) apresentou idade entre 21 a 29 anos, sendo a idade mínima encontrada foi 20 anos e a máxima de 60 anos.

O resultado acima confirma a tese do GEM (2015) quando corrobora que em 2015 cerca de 52 milhões de brasileiros com idade entre 18 e 64 anos estariam envolvidos em atividades empreendedoras no Brasil.

Uma possível inferência nos resultados identificados no quesito “sexo” e “faixa etária de idade” é que os empreendedores do bairro estão seguindo a tendência de estudos realizados a nível nacional.

Gráfico 1 - Percentual dos entrevistados quando avaliado o sexo.

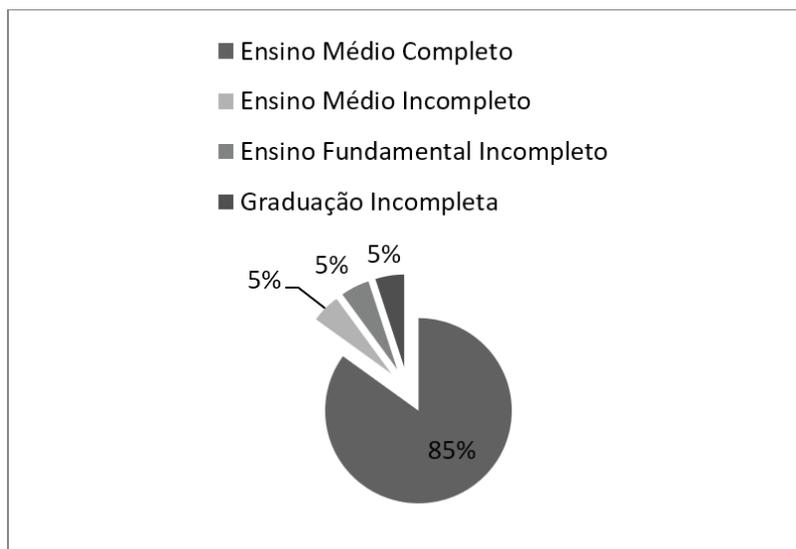


Fonte: dados da pesquisa de campo.

Com relação ao nível de escolaridade dos empreendedores que participaram da pesquisa, o Gráfico 2 abaixo mostra que a maioria (85%) apresentou como nível de escolaridade o Ensino Médio Completo (17 sujeitos). Esse resultado confirma o estudo realizado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas (SEBRAE) no ano de 2015, onde 72% dos empreendedores no Brasil entre 2003 a 2013 possuíam o Ensino Médio Completo.

Esse alto índice de empreendedores que concluíram o Ensino Médio, está diretamente relacionada com a faixa etária de idade constatada na pesquisa, ou seja, a maioria dos empreendedores é jovem com ao menos o Ensino Médio Completo.

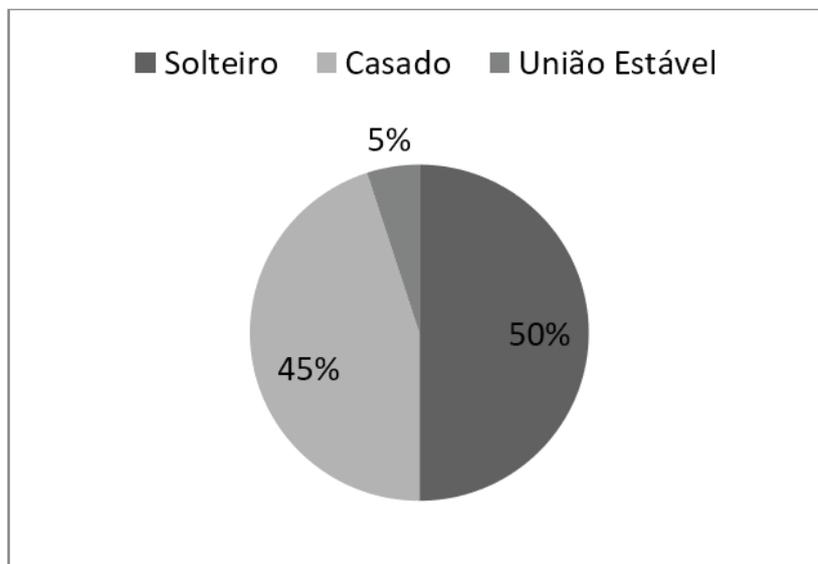
Gráfico 2 - Nível de escolaridade dos entrevistados.



Fonte: dados da pesquisa de campo.

Com referência ao estado civil dos entrevistados a pesquisa constatou que 50% dos empreendedores do bairro da Vila Sinhá são solteiros, 45% dos participantes são casados e 5% possuem união estável. Quanto ao tipo de moradia, 90% dos entrevistados declararam que moram em casa própria quitada; 5% em moradia financiada e 5% moram em casa alugada, resultados estes semelhantes aos obtidos na pesquisa da ENDEAVOR (2013).

Gráfico 3 - Estado civil dos entrevistados.



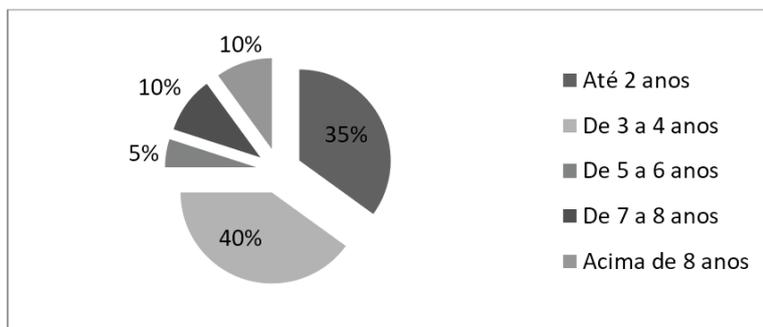
Fonte: dados da pesquisa de campo.

4.2 Perfil da População Organizacional

Quando analisada a área de atuação das empresas constatou-se na pesquisa que 100% atuam no setor terciário da economia (varejo e serviço). Quanto ao quesito “tempo de atividade da empresa em anos”, 40% dos empreendimentos já estão no mercado entre 03 a 04 anos; 35% com até 02 anos de atividade; 10% entre 07 e 08 anos; 10% referente acima de 08 anos e 5% entre 05 e 06 anos, conforme mostrado no gráfico 4 abaixo.

Diante do exposto, conclui-se que 65% dos empreendimentos instalados no bairro já estão consolidados no mercado, dando uma média de 03 anos de existência. Nessa conjuntura, as empresas já passaram pela fase crítica de sobrevivência de empreendimento que fecham antes dos 02 anos de atuação. Quanto a variável “número de colaboradores” 85% das empresas possuem até dois colaboradores, os outros 15% ficou entre 03 a 09 funcionários.

Gráfico 4 - Tempo de atividade das empresas em anos

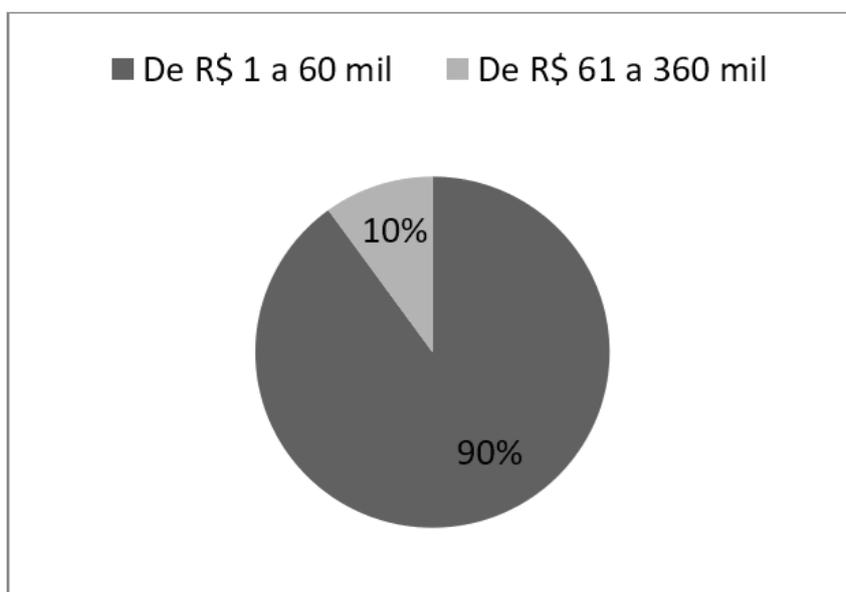


Fonte: dados da pesquisa de campo.

No Gráfico 5 abaixo, analisando a variável faturamento bruto da empresa em 2015, apresenta uma frequência de 90% das empresas concentradas em faturamento de valores abaixo de 60 mil/ano, o que configura expectativa nesse quesito de Microempreendedor Individual (MEI), conforme estabelecido na Lei Complementar nº 128/2008 (BRASIL, 2008).

Desse modo, infere-se que o ambiente está mais aderente a formação de população organizacional caracterizada como MEI, com isso confirma a concepção de Motta e Vasconcelos (2015) quando corroboram que a ecologia organizacional tem como premissa analisar o ciclo evolucionário das organizações, ou seja, quais os fatores que são favoráveis para formação da população organizacional de um mesmo tipo a predominar em determinado ambiente.

Gráfico 5 - Faturamento bruto das empresas em 2015



Fonte: Dados da pesquisa de campo.

4.3 Fatores de Nichos Ecológicos na Formação da Ecologia Organizacional

A análise seguinte refere-se aos fatores de nichos ecológicos que influenciam a ecologia organizacional. Segundo Barquette (2002) os fatores locacionais clássicos ainda possuem relevância significativa na possível explicação para atrair empresas para determinadas regiões. Quando analisado “o fator proximidade com o mercado consumidor” obteve-se como respostas:

O bairro apresenta um grande número de consumidores.

Devido à extensão territorial do bairro, o mercado consumido é bem grande; o mercado consumidor existente no bairro (falas dos sujeitos).

O resultado acima confirma as teses de Porter (1989); Solomon (1989) e Barquette (2002) quando enfatizam que as escolhas de localização dos empreendimentos estão diretamente relacionadas aos custos para atender os compradores e que uma das características das pequenas empresas é se localizarem próximas ao mercado consumidor, atributo este que muitas das vezes traz vantagens relevantes para as pequenas empresas em relação aos seus concorrentes de maiores portes, sendo que na maioria das vezes o aspecto mercado consumidor local de fácil acesso é crucial na escolha do local para empreender.

Dentre os possíveis motivos do resultado acima, pode-se supor que a existência de um nicho ecológico de mercado consumidor, foi uma condicionante para formação de uma ecologia organizacional no bairro.

Quando analisado o quesito “empresas análogas ajudam no crescimento do seu negócio”, os sujeitos responderam que:

Melhora atendimento, produto e serviço; vejo algo diferente no concorrente e melhoro no meu; concorrência sempre é bom; melhora atendimento e variedades de produtos (falas dos sujeitos).

Esse resultado confirma a literatura em que os empreendedores estão “focados nos clientes” (CHRISTENSEN, 2002), bem como a tese de isomorfismo destacadas por DiMaggio e Powell (2005); Hannan e Freeman (2005) quando ressaltam que as empresas procuram se assemelhar as outras organização que enfrentam características ambientais análogas e que o processo de institucionalização das empresas estão relacionados ao processo de isomorfismo, seja ele competitivo ou institucional. Desse modo, infere-se que ao perceberem as melhores estratégias da empresa concorrente, os sujeitos procuram implementar essas estratégias na sua empresa ou até mesmo aperfeiçoá-la, caracterizando desse modo a existência de isomorfismo mimético (DIMAGGIO; POWEL,2005).

Com referência ao atributo “depende de outra empresa para ofertar produtos e serviços”, os participantes afirmaram que:

Eu dependo das empresas do bairro e de outras empresas para vender meus produtos; dependo dos fornecedores que me vendem os produtos; dependo das empresas que me ofertam os produtos para vender na minha empresa (falas dos sujeitos).

O resultado confirma a literatura da Ecologia Organizacional quando enfatiza que as organizações são dependentes do ambiente para captar recursos dos quais necessitam para sua

sobrevivência e que cabe ao ambiente selecionar as organizações que forem mais aderentes às novas demandas de mercado (MORGAN, 2002).

Diante do exposto, as organizações não detêm todos os recursos necessários para sobreviver no mercado e para isso desenvolvem relações com outras empresas que detêm esses recursos (MOTTA; VASCONCELOS, 2015). Assim, o ambiente é composto por um processo de desempenho interorganizacional, do qual diversas populações de organizações buscam controlar os recursos e reduzir as incertezas (MOTTA; VASCONCELOS, 2015).

Quanto ao quesito “importância da cooperação entre as empresas” obteve-se como respostas:

Um ajuda o outro; por que um ajuda o outro; um conjunto de empresas pode ajudar o outro; pela união da classe; para fomentar a economia, precisa de cooperação (falas dos sujeitos).

Isso confirma o atributo que os “empreendedores trabalham em rede” (FILION, 2002). O resultado acima confirma a tese de Fernandes (2015) quando corrobora que a cooperação e competição entre a população organizacional são meios alternativos ou simultâneos para alcançar o sucesso. Infere-se que os empreendedores sentem-se parte integrante de uma ecologia organizacional, ou seja, a colaboração entre as empresas fazem com que o sucesso dependa de todos os empreendimentos do bairro.

Dentre os possíveis motivos dos resultados acima, pode-se concluir que os empreendedores consideram importante essa relação interorganizacional, pelo fato de melhorar os produtos e serviços ofertados. Outro fator a ser destacado é que a existência dessa relação entre as empresas confirma o atributo de Ecologia Organizacional de Hannan e Freeman (2005) quando consideram que Ecologia organizacional é um conjunto de organizações com atividades semelhantes e padrões de desempenho na utilização dos recursos em determinado ambiente, relacionando com o resultado identificado no perfil da população organizacional, onde todas as empresas atuam no varejo e serviço.

Em relação ao quesito “perfil econômico para novos negócios” todos os sujeitos responderam que o bairro tem um perfil econômico propício ao surgimento de novos negócios. Quando questionados dos motivos do bairro possuir esse perfil econômico para novas oportunidades de nichos ecológicos, os sujeitos responderam “população do bairro” e “extensão da população”; confirmando o atributo perfil econômico, desse modo, o ambiente exerce influência na atração de empreendedores (BARQUETTE, 2002).

Quanto ao quesito “falta de diversificação de produtos e serviços” os participantes responderam que:

Pela falta de novos produtos e serviços; pela crise econômica do país, fica difícil ofertar novos produtos e serviços; pela falta de inovação de produtos e serviços (falas dos sujeitos).

O resultado confirma a literatura da inércia estrutural da ecologia organizacional, quando reconhece que as organizações são inflexíveis para atender as rápidas mudanças do ambiente (HANNAN; FREEMAN, 2005). Morgan (2002) corrobora que as pressões inerciais fazem com que as organizações não respondam rapidamente as novas demandas que surgem no ambiente e que esses fatores podem estar relacionados à inércia interna e externa. Nesse sentido, devido à inércia estrutural das organizações e pela institucionalização dos seus processos perante

o ambiente, a população organizacional não consegue responder de modo efetivo as novas nuances do nicho ecológico.

Pode-se inferir que as formas organizacionais existentes ainda estão aderentes à dinâmica do ambiente, ou seja, essas formas estão retidas até que surja uma variação no ambiente (HOLZANN, 2008).

Com referência a “possibilidade de expansão da empresa” todos os sujeitos afirmaram que:

Devido o bairro ser populoso, você pode aumentar sua empresa sem problema; eu tinha apenas uma portinha, hoje minha empresa cresceu bastante; pelo bairro ser populoso, a demanda é sempre grande (falas dos sujeitos).

Isso confirma a literatura da Ecologia Organizacional quando cita o Nicho Ecológico, ou seja, a expansão das populações organizacionais está diretamente relacionada na sua capacidade de captar recursos no ambiente e sua manutenção (CALDAS; CUNHA, 2005).

O resultado acima confirma as teses de Drucker (1986) e Solomon (1989) quando enfatizam que as populações organizacionais em nichos especializados, possivelmente não são ameaçadas pelos concorrentes e que organizações de pequeno porte são mais propícias em nichos especializados e que seu crescimento depende da disponibilidade de recursos ofertados pelo ambiente.

4.4 Fatores de Cultura Empreendedorística na Formação da Ecologia Organizacional

A análise seguinte refere-se aos fatores que culturalmente influenciam a ecologia organizacional. Analisado o item “Qual motivação levou a pessoa a tornar-se empreendedor” 70% dos entrevistados tornaram-se empreendedor por oportunidade de mercado e 30% por necessidade, o que configura uma situação análoga identificada na pesquisa GEM (2014).

Diante disso, o ambiente é uma condicionante ao processo de formação da ecologia organizacional no bairro por oportunidade percebida pelos empreendedores. Segundo Pelogio (2011) “empreendedorismo por oportunidade” e “empreendedorismo por necessidade”, muita das vezes são considerados como fatores excludentes, no qual compreender o tipo de negócio que visa à exploração de uma oportunidade percebida no ambiente ou aquele por necessidade é extremamente importante.

Quanto analisado o elemento “ser empreendedor é uma auto realização de vida” os sujeitos responderam que:

É a realização de um sonho, sempre quis ter meu próprio negócio; por trabalhar por conta própria; realização de um sonho (falas dos sujeitos).

Esse resultado identificado confirma a tese de Drucker (1986) e Fillion (2000) quando enfatizam que os empreendedores realizam seus objetivos através do empreendedorismo, ou seja, ser empreendedor é uma realização de vida. Infere-se que os sujeitos viram no empreendedorismo a realização de um sonho de vida e que esse fator contribuiu para a formação da Ecologia organizacional no bairro.

Nessa conjuntura, quando analisado o fator “empreendimento gera posto de trabalho” os entrevistados reconhecem que as empresas geram empregos para as pessoas, conforme exposto abaixo:

Sim, eu acho que ajudo outras pessoas a manterem suas famílias; ajuda as pessoas; sim, pois gera emprego e renda para as pessoas que trabalham comigo (falas dos sujeitos).

Desse modo, pode-se inferir que o empreendedorismo fomenta a economia através da geração de emprego e renda, porém para que isso ocorra de modo efetivo, o dinamismo do ambiente precisa ser favorável ao processo empreendedor. Dentre os possíveis motivos do resultado acima, é lícito supor que os empreendedores percebem que são importantes para mitigação da desigualdade através da geração de emprego e renda. Isso confirma a tese de Drucker (1986) quando reconhece que o empreendedorismo é importante para sociedade por gerar emprego e renda.

Com referência ao quesito “assume risco quando faz negócio” os participantes responderam que “arriscar para ver se dá certo” e “novas oportunidades”, esse resultado confirma a literatura em relação à característica do empreendedor em assumir riscos (FILION, 2000; DORNELAS, 2001). Filion (2000) afirma que os empreendedores necessitam ter desenvoltura de identificar nicho de oportunidades.

Assim, pode-se inferir que o processo empreendedor é influenciado por um conjunto de características pessoais e ambientais, ou seja, o nicho ecológico deve propiciar as oportunidades e os recursos necessários para que o processo empreendedor possa se desenvolver de modo efetivo (MOORE, 1986 apud DORNELAS, 2001).

Quando analisado o elemento “influência de alguém no processo empreendedor” os participantes afirmaram que foram influenciados por alguma pessoa para se tornar empreendedor. Quando indagados sobre quais pessoas teriam influenciado nesse processo empreendedor, obteve-se como respostas “por um amigo que era empreendedor”, “meu pai era empreendedor”. Esse resultado confirma a literatura que uma das características dos empreendedores é a influência de alguém no processo empreendedor (FILION, 2000).

Em relação ao quesito “gosta de ser empreendedor”, os entrevistados responderam que gostam de ser empreendedor; esse resultado confirma a concepção de Dertouzos (1999) quando ressalta que o empreendedor tem uma paixão pelo seu negócio, pela sua atividade empreendedora. Infere-se que o espírito empreendedor existente nos participantes, foi decisivo na formação da ecologia organizacional no bairro (DRUCKER, 1986).

Nessa conjuntura, conclui-se que os sujeitos gostam de ser empreendedores e têm uma paixão pela atividade que desenvolvem, ou seja, essas características existentes nos empreendedores instalados no bairro também são moldadas do ambiente, pois para que ocorra o processo empreendedor é necessário que haja um ambiente que estimule essas características e práticas empreendedoras.

Quanto ao quesito “cooperam para desenvolvimento econômico” os sujeitos afirmaram que a empresa coopera para desenvolvimento econômico do bairro, esse resultado confirma as colocações de Drucker (1986) quando corrobora que o empreendedorismo é importante para desenvolvimento econômico. Solomon (1989) ressalta que o empreendedorismo nos últimos anos tem contribuído bastante para o desenvolvimento econômico a nível mundial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se na pesquisa que o perfil dos empreendedores do bairro da Vila Sinhá são pessoas jovens que possuem nível de escolaridade de no mínimo Ensino Médio Completo. Esses sujeitos são aderentes às características empreendedoras apresentada na literatura e que contribui para o espírito empreendedor e formação da ecologia no bairro.

Diante disso, percebe-se na pesquisa que os fatores de nicho ecológicos – proximidade com o mercado consumidor, perfil econômico do bairro, cooperação entre as empresas, isomorfismo – foram cruciais para formação da ecologia organizacional e criação do ecossistema de negócios no bairro da Vila Sinhá.

Nesse sentido, recomenda-se articulação do governo municipal, através da Casa do Empreendedor com órgão governamental federal e estadual para formulação de políticas públicas estratégicas para o maior incentivo ao empreendedorismo; a universidade local com o apoio acadêmico de estudos e projetos de extensão direcionados a fomentação do empreendedorismo no município; a CDL por seu caráter catalisador e pela capilaridade representativa junto aos órgãos governamentais, desenvolver estratégias de curto, médio e longo prazo, para fortalecimento da classe e de suas ações junto aos empreendedores do bairro; o Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas (SEBRAE) cursos de capacitação, acompanhamento e projetos com expertises em negócios, visando apoiar os empreendedores; a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) com Banco da Amazônia (BASA) para disponibilizar linhas específicas de financiamento, visando à expansão as empresas e melhoria dos produtos e serviços ofertados no bairro, entre outras iniciativas.

Essas ações poderiam apontar, para um alinhamento estratégico entre desenvolvimento econômico e empreendedorismo, bem como a melhoria das condições de vida das pessoas que residem no bairro. Nessa caminhada operacional foram encontradas algumas limitações. A existência de poucas publicações relacionadas às Teorias Ambientais traduzidas para o português foi o primeiro obstáculo dessa pesquisa. Outro fator limitador nessa pesquisa foi à escassez de estudos que utilizem as Teorias Ambientais para explicar a prática empreendedora.

Futuramente, uma temática que poderia ser abordada em outros estudos e devido às informações coletadas na PMB sobre os bairros que estruturam a cidade Bragança e o bairro do Samaumapara apresentar o menor contingente de empresas registradas (35 empresas) uma linha de pesquisa seria identificar os fatores inibidores ao surgimento da ecologia organizacional no bairro do Samaumapara, para que haja um alinhamento de uma rede de negócios entre os dois bairros que ficam ao extremo (leste e oeste); identificar o perfil dos consumidores do bairro da Vila Sinhá; Outra linha de estudo seria a comparação dos resultados obtidos nesta pesquisa acerca dos fatores favoráveis ao surgimento da ecologia organizacional em outros municípios e Estados.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, R.; AMBONI, N. Teoria geral da administração. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

ASTLEY, W. G.; VAN DE VEN, A. H. de. Debates e perspectivas centrais na teoria das organizações. RAE- Revista de Administração de Empresas, v. 45, n. 2, Abr./Jun. 2005.

- AUGUSTO, P. O. M. Estratégia e ambiente: contribuições da Teoria Institucional. In: XXXI EnAPAD, 2007, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.
- AZZONI, C. R. Incentivos municipais e localização industrial. Revista Administração Pública, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 90 – 111, Abril/Jun. 1981.
- BALSINI, C. P. V., SILVEIRA, R. B.; RAMBO, J. Desafios do terceiro setor: uma análise baseada na perspectiva institucional, dependência de recursos e ecologia das populações. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO FEA – USP, 2005, São Paulo. Anais... São Paulo: FEA – USP, 2005.
- BARBIERI, J. C. Parques e incubadoras de empresas de base tecnológica: a experiência brasileira. São Paulo, 1995.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARQUETTE, S. M. V. Localização de empresas de base tecnológica e surto de criação de incubadoras: condicionantes de salto paradigmáticos. Tese (Doutorado) - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2000.
- _____. Fatores de localização de incubadoras e empreendimentos de alta tecnologia. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 42, n. 3, p.101 – 113, Jul./Set. 2002.
- BATAGLIA, W.; MEIRELLES, D. S. e. Ecologia populacional e economia evolucionária: rumo a um modelo integrativo. In: XXXII EnANPAD, 2008, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.
- BRASIL. Lei complementar nº 128, de 19 de dezembro de 2008. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LCP/Lcp128.htm. Acesso em: 04 jan. 2016.
- BESSANT, J.; TIDD, J. Inovação e empreendedorismo. Rio Grande do Sul: Bookman, 2009.
- CALDAS, M. P.; CUNHA, M. P. e. Ecologistas e economistas organizacionais: o paradigma funcionalista em expansão no final do século XX. RAE – Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 65 – 69, Jul./Set. 2005.
- CHRISTENSEN, C. M. The rules innovation of. MIT's Magazine of Innovation Techonology Review, junho, 2002.
- CUNHA, M. P. e. Ecologia organizacional: implicações para a gestão e algumas pistas para a superação de seu caráter anti-management. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 21 – 28, Out/Dez. 1999.
- DERTOUZOS, M. Four pillars of innovation. MIT's Magazine of Innovation Techonology Review, novembro/dezembro, 1999.
- DIMAGGIO, P. J.; POWELL, W. W. A gaiola de ferro revisitada: Isomorfismo Institucional e Racionalidade Coletiva nos Campos Organizacionais. RAE – Revista de Administração de Empresas, v. 45, n. 2, p. 74-89, 2005.
- DORNELAS, J. C. A. Empreendedorismo: transformando ideias em negócios. 12. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.
- DRUCKER, P. F. Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): prática e princípios. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1986.
- FERNANDES, J. A. L. Estratégias de cooperação e relações interorganizacionais no campo da cerveja artesanal brasileira. UFPA, 2015.
- FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. Revista de Administração, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 05 – 28, Abri./Jun. 1999.
- _____. Empreendedorismo e gerenciamento: processos distintos, porém complementares. RAE Light, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 2 – 7, Jul. /Set. 2000.
- FLECK, D. L. Institucionalização, sucesso e fracasso organizacional. In: EnANPAD, 2006, Salvador. Anais... Salvador: ANPAD, 2006.
- GIL, A. C. Como elaborar projeto de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Altas, 2002.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. RAE – Revista de Administração de Empresas, v.35, n.3, p. 20 – 29, Mai./Jun. 1995.
- GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR – GEM. Empreendedorismo no Brasil. Relatório executivo. 2014.
- _____. Empreendedorismo no Brasil. Relatório executivo. 2015.

- _____. Empreendedorismo na Região Norte do Brasil. 2014.
- HANNAN, M. T.; FREEMAN, J. (2005). Ecologia populacional das organizações. RAE-Revista de Administração de Empresas, v. 45, n. 3, jul./Set. 2005.
- HOLZMANN, P. F. Evolução das franquadoras de serviços no Brasil: um estudo das variáveis que influenciam a taxa de sobrevivência das empresas sob a ótica da Ecologia Organizacional. 2008.109 f. Dissertação (Mestrado em Administração). Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.
- INSTITUTO EMPREENDER – ENDEAVOR. Índices de cidades empreendedoras. 2014.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARTINS, M. F. D. M.; BATAGLIA, W. A estratégia de especialização e vantagem competitiva em ambientes turbulentos sob a ótica da teoria ecológica. Revista Acadêmica da FACE, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 42 – 50, Jan./Jun. 2010.
- MATOS, M. P.; ARROIO, A. Políticas de apoio a micro e pequenas empresas no Brasil: avanços no período recente e perspectivas futuras. Santiago: CEPAL, 2011.
- MELHADO, J.; GONÇALVES, P. Observatório do Empreendedorismo. Endeavor, 2013.
- MORGAN, G. Imagens da organização: edição executiva. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MOTTA, F. C. P.; VASCONCELOS, I. F. G. Teoria geral da administração. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2015.
- NEGROPONTE, N. Creating a culture of ideas. MIT’s Magazine of Innovation Technology Review, fevereiro, 2003.
- ORTIGARA, A. A. Causas que condicionam a mortalidade e/ou o sucesso das micro e pequenas empresas no Estado de Santa Catarina. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- PALMAKA, R. P. Segmentação de empresas de serviços de informática: uma proposta de classificação baseada na teoria de ecologia organizacional. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v. 5, p. 12 – 35, 2011.
- PARAVIDINO, T. C. et al. Localização industrial: um estudo de caso para locação espacial de uma unidade de envaseamento de água de coco. In: XXXI ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 2011, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Enegep, 2011.
- PELOGIO, E. A. Criação de empresas à luz do modelo de decisão effectuation: um estudo com mulheres empreendedoras no município de Currais Novos. Dissertação (Mestrado em Administração). Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.
- PORTER, M. Vantagem competitiva: Criando e sustentando um desempenho superior. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- PRAHALAD, C. K A riqueza na base da pirâmide: erradicando a pobreza com lucro. Porto Alegre: Bookman, 2010.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. Desencadeando o empreendedorismo: o poder das empresas a serviço dos pobres. Relatório para o secretário geral das nações unidas, março, 2014.
- RESENDE, P. T. V.; SOUSA, P. R. d.; SILVA, A. C. R. Obras de Infraestrutura no Brasil. Mundo Logística, Rio de Janeiro, v. 5, n. 28, p. 78 – 80, Mai./Jun. 2012.
- SANTOS, A. C. M. Z. d. Evolução das organizações por meio das abordagens institucional, ecologia das organizações e equilíbrio pontuado. Rev. Adm. UFSM, Santa Maria, v. 6, n. 1, p. 91 – 102, Jan./Mar. 2013.
- SICSÚ, A. B. Desenvolvimento e padrões de financiamento da inovação no Brasil: mudanças necessárias. In: ADRIANO, P. et al (Org.). Gestão da inovação e competitividade no Brasil: da teoria para prática. Porto Alegre: Bookman, 2015.
- SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO AS MICROS E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. Os donos de negócio no Brasil: análise por faixa de escolaridade. Brasília: SEBRAE, 2015.
- SILVA, G.; HEBER, F. Ecologia organizacional e teoria de redes: uma análise contemporânea da formação de apks. Gestão & Regionalidade, v. 30, n. 88, Jan./Abr. 2014.

SOLOMON, S. A grande importância da pequena empresa: a pequena empresa nos Estados Unidos, no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: Nórdica, 1989.

SOUZA, R. K. S. Sobre (vivência) e mortalidade de pequenos negócios: o caso de mercados varejistas potiguares. Dissertação (Mestrado em Administração). Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

TOLEDO, M. M.; GUIMARÃES, L. O. Concentração locacional: confecções mineiras em foco. RBGN - Revista Brasileira de Gestão de Negócios, São Paulo, v. 10, n. 27, p. 189 - 205, Abri/Jun. 2008.

VERGARA, S. C. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2009.